

EDITORIAL

A GEOUSP AGORA INCLUI A GEOGRAFIA FÍSICA

A partir deste número, a GEOUSP absorve a contribuição da Geografia Física, quer através de artigos, quer na concepção mais ampla da Revista, que agora conta com os geógrafos físicos, como componentes de seu corpo editorial. Não se trata, ainda, de um projeto uno, que sustente uma leitura da geografia com concepções agregadoras de nossas diferenças internas, tão consolidadas: diferenças de objetos de análise, de métodos e procedimentos de pesquisa, de fundamentos científicos. A Geografia Humana se aproxima das Ciências Humanas e Sociais, na mesma medida em que a Geografia Física se envolve com as Ciências Naturais.

Essa afirmação, por outro lado, é irrisória, considerando-se as costuras múltiplas de nossas influências, que vêm nos aproximando, até configurar a possibilidade de projetos comuns, nos quais essas diferenças alimentem pontos de vista necessários sobre um mesmo tema. A GEOUSP não tem ainda este caráter temático sintético, mas pode caminhar nesta direção. Por enquanto, trata-se de uma convivência plural, que reúne os geógrafos físicos e humanos. Uma tentativa que vem se firmando no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, em vários planos, e que já produziu mais de uma experiência.¹

Esta relação possível e necessária, entre a Geografia Física e a Geografia Humana, na forma de um programa comum, a perseguir, insiste no fundamento da Geografia como aquele da compreensão da relação entre o homem e a natureza, fundador da relação possível entre os homens.

As espacialidades e as temporalidades nessa relação são mais múltiplas e complexas; po-

deríamos falar, parafraseando Lefebvre, numa arquitetura espacial. Cada um de nós, diante de sua especialização, sai do limite de sua observação e entra no horizonte dos espaços e tempos entremeados e diversos, na dupla determinação dos ritmos naturais e humanos e suas influências. Por exemplo, num fenômeno como o das enchentes em São Paulo devem ser considerados aqueles tempos e espaços produzidos pela história dos homens e os próprios da natureza. Seu discernimento exige nossa presença coletiva, nossa reunião. Desta maneira, a perspectiva espacial e temporal se refina e a análise torna-se mais aprofundada. No caso mencionado, ambos, o geógrafo físico e o geógrafo humano evitam os riscos da submissão a um ponto de vista político-administrativo e/ou tecnocrático, e mais, o equívoco de sua legitimação científica, através da Geografia. Os conhecimentos acumulados a respeito da questão, frutos de interpretação de áreas do saber diferentes, podem ser avaliados sem reducionismos.

Não pretendemos reduzir o natural ao social, ou vice-versa. Embora a reunião comporte também o confronto. Trata-se da busca do que é, ao mesmo tempo, natural e humano, desemboçando no caminho da participação num projeto de sociedade que inclui, simultaneamente, o naturalismo e o humanismo acabados, realizados. Mas, ainda, só há uma tênue intenção. Veremos, com o tempo e o esforço comuns, os resultados. No momento, estamos aqui separados, mas lado a lado, com a possibilidade que esta convivência cria.

Este projeto possível depende dos acasos, das circunstâncias cotidianas de nossa relação, agora renovada.

Notas

¹ Entre os exemplos, neste sentido, estão: Ross, Jurandyr L. Sanches (org.), *Geografia do Brasil*, São Paulo, EDUSP, 1995. Livro premiado com o Jabuti, em 1997, enquanto didático de 1.o e 2.o graus. Outra produção recente é o livro *Novos Caminhos da Geografia*, orga-

nizado pela Prof.a Ana Fani Alessandri Carlos, reunindo professores de ambas as áreas, a maioria do Departamento de Geografia, da USP, publicado pela Editora Contexto, em 1999.

